

OS FUNDADORES

HENRIQUE THÉBERGE

RENATO BRAGA

Há mais de um século, vindo do Recife, chegava ao Ceará um casal de franceses, acompanhado de filhos pernambucanos.

Não sei se entrou pelo sertão. Não sei se desembarcou no Aracatí ou em Fortaleza. Sei que chegou em 1845, quando a areia e os seixos das estradas rangiam debaixo dos pés sertanejos a fugirem da seca que rasoirava a Província.

A procissão de famintos, a síncope da flora, a carcassa da terra faúlhando em consonância com os ares em fogo, foram as primeiras imagens cearenses gravadas na retina e talvez indelevelmente na memória do doutor Pedro Francisco Théberge, cabeça desse casal de franceses.

Mas o flagelo não entibiou o ânimo do emigrante ilustre que trazia o propósito de ficar. Afeito às mazelas humanas, achou, certamente, êsse doutor em medicina pela Universidade de Paris, que as da terra também poderiam ser combatidas, minoradas e até curadas.

Por isso não arrepiou caminho. Tenho mesmo a impressão que se lhe aguçou a curiosidade por paisagem tão diversa da que se enquadrava no Recife. Ali, água por toda a parte, terras úmidas e pingues, sombras espessas e o verde gaio dos canaviais vestindo várzeas e morros. Aqui, o cenário marginal de um deserto, que se transforma num vergel ao bafejo fecundante das chuvas.

Escolheu para morada a cidade do Icó, o maior empório comercial e social do centro da Província. Tinha uns seis mil habitantes, muitos deles comrciantes, portugueses ou descendentes destes, que supriam o interior e os sertões das Províncias vizinhas com mercadorias europeias, vindas de Pernambuco por mar ou por terra. Em troca recebiam os produtos locais que enviavam para o Aracatí em carros de bois ou para o Recife no lombo de centenas de cavalgadas. Três ruas principais — a mais larga e mais importante —, cortadas por outras menores, constituíam o quadro urbano. Quatro

igrejas, uma cadeia e um mercado atendiam à Religião, à Ordem e ao Ventre da cidade. Meia duzia de sobrados revestidos de azulejos, plantados no meio do casario chato e pesadão, envaidecia os icóenses e pasmava os simplórios sertanejos.

Sete anos antes da chegada do doutor Pedro Théberge ao Icó, passou por lá o botânico George Gardner, em demanda do Brasil Central. Encontrou duas farmácias bem providas de medicamentos, mas nem sequer um médico praticante, não obstante a grande população do lugar. Gardner atendeu a numerosas consultas e registrou como doença mais comum as perturbações crônicas do aparelho digestivo, seguindo-se-lhe a disenteria, pleuresia e oftalmia.

No meio de um povo afeito às mezinhas caseiras, a clínica limitava-se aos casos extremos, tomava pouco tempo do médico. O doutor Pedro Théberge aproveitou êsses lazeres para desdobrar-se em botânico, historiador, polemista, cartógrafo, projetista, dramaturgo e, por necessidade, até em empreiteiro de obras públicas.

Personalidade de facetas tão variadas não poderia, evidentemente, conter-se dentro dos muros do Icó. Pela imprensa projetou-se em Fortaleza, no Recife e na Côrte. Tornou-se a maior figura cultural do interior do Ceará. Não havia outra que se lhe avantajasse em conhecimentos gerais. Possuía a formação enciclopédica latina característica dos homens cultos do século passado. Disponha de sólido cabedal científico, aliado a preparo literário disciplinado, adquirido igualmente na Universidade de Paris, onde conquistara a láurea de Bacharel em Letras antes de doutorar-se em Medicina.

Chamava-se Henrique o filho mais velho do casal. Nascido na capital pernambucana a 27 de junho de 1838, passaria a infância e parte da adolescência na velha cidade sertaneja, dela se despedindo aos dezenove anos incompletos, com destino à Escola Militar do Rio de Janeiro, onde se matriculou a 24 de março de 1857.

No Icó, com as lições paternas e as do professor público Simplício Delfino Montezuma, adquiriu Henrique Théberge os conhecimentos que o habilitaram a vencer o exame vestibular àquele estabelecimento de ensino superior. O lar foi a sua escola primária e secundária.

A casa dos Théberge, moldada no estilo da pequena burguêsia francesa, destoava da simplicidade da vida doméstica icóense. À noite, em vez do rosário lusitano, fazia-se música. Ao piano, a dona da casa, Elisa Soulier, hábil musicista, acompanhada ao violoncelo por Simplício Delfino Montezuma, que afora o magistério, dedicava-se por vocação à Música, vindo a ser um dos grandes compositores cearenses.

A essas reuniões compareciam os principais homens da terra. Vinham de chinelas e meias, com um timão de chita vermelha por cima da camisa e das ceroulas, com cartolas altas e lustrosas, como os viu, por êsse tempo, o Barão de Capanema. Os mais pimpões

vestiam rudaque, traziam sapatos de entrada baixa e a indefectível cartola. Raras senhoras apareciam nessas tertúlias, com largos vestidos de sarja ou veludo, pescoço enforcado de cordões de ouro e colares, dedos pesados de **memórias**.

Nos intervalos da audição musical versavam-se os mais variados assuntos, inclusive os políticos, pelos quais o chefe da casa tinha um pendor especial.

Nêsse ambiente de inteligência e sociabilidade, de tolerância e boas maneiras, Henrique Théberge fundiu para sempre as linhas marcantes de seu caráter de homem íntegro e bom.

No Rio, em 1862, terminou o curso de Estado Maior de 1.^a classe, equivalente ao de engenheiro-militar. Foi curta a sua trajetória no exército. Promovido a tenente em 1864, partiu no ano seguinte para a guerra contra o Paraguai, mas grave doença o obrigou a abandonar o campo de ação. Reformou-se em 1867, no posto de tenente. A procura da saúde retornou ao Ceará e a 21 de junho, ainda em 1867, era nomeado Engenheiro Ajudante da Diretoria de Obras Públicas. Começava uma movimentada carreira de engenheiro que iria até 18 de junho de 1892, data em que se aposentou como Chefe do Tráfego da Estrada de Ferro de Baturité. Exerceu ainda os cargos de Bibliotecário Público e Professor interino de Geometria do Liceu. Depois de aposentado foi gerente da Companhia Ferro-Carril do Ceará.

O Barão de Studart, com aquela minuciosidade de fé de ofício, fez-lhe o **curriculum vitae**, na Revista da Academia para o ano de 1905, quando faleceu, em Fortaleza, a 11 de junho, com 67 anos.

Pedro de Queiroz, seu confrade de Academia, deu-nos os rumos que nortearam a vida pública e particular de Henrique Théberge, numa página de saudade da qual transcrevo os seguintes trechos:

«Théberge podia dizer com Renan «felizes os que no ápice da vida verificam que só combateram pela verdade e pelo bem».

«Mas... quem era o preclaro desaparecido? Que sinais deixou de sua passagem pelo mundo? Era o homem das projeções matemáticas, o decifrador dos segredos da mecânica. E no hábito do traçamento de linhas e mais linhas — riscou — para seu caminho — uma reta muito comprida e por ela rumou a sua viagem para o seu dia d'amanhã. E foi um homem exato, conforme a regra delineada ao partir para a vida pública. E cumpriu-a. E não se despegava da sua trajetória... E a gente observando que o homem não se apartava do seu roteiro foi se acostumando a estimá-lo, a considerá-lo».

«E o respeito social acompanhou-o por toda a vida — até os seus cabelos brancos, até a sua viagem para a última missão».

«A característica principal de Théberge — era o fazimento do dever — que praticava muito espontaneamente, sem esforço.»

«Era um velho sisudo. Sua palavra pesava como ouro de fino quilate.»

Senhores:

Gizada a personalidade de Henrique Théberge na vida pública, projetemo-la agora, mesmo com a rapidez de um instantâneo, no cenário retrospectivo desta Academia, recuando no tempo mais de meio século.

A Academia Cearense, fundada a 15 de agosto de 1894, objetivava, ao mesmo tempo, o exame das doutrinas ou questões literárias e científicas. Eclética em seus fins, a Academia pôde abrigar na hora de sua fundação as mais diversas tendências intelectuais. Nota-se, e até com certo espanto, que no meio dos fundadores não há um só romancista, contista e teatrólogo. Apenas dois poetas, Antônio Bezerra e Justiniano de Serpa, que nessa altura já haviam tomado outros rumos literários.

Henrique Théberge era antes de tudo um técnico preocupado com as aplicações da matemática e da física no complexo campo da engenharia. A sua formação técnica levou-o a participar do corpo inicial da Academia Cearense, ao lado dos engenheiros Franco Rabelo, Benedito Sidou e Antônio Teodorico da Costa, seus companheiros da Comissão de Ciências Matemáticas e Físicas, a primeira na ordem de seriação das oito comissões permanentes da Academia.

Antes da fundação da Academia, Henrique Théberge fez uma coleção de madeiras do Ceará, acompanhadas das respectivas classificações botânicas e de notas sobre as suas aplicações medicinais e industriais. Essa coleção mereceu medalha de **Mérito Específico**, conferida pelo Juri da Exposição de Chicago em 1893. A relação das madeiras e mais as notas são bastante interessantes para o estudo da flora e da agricultura locais.

Herdeiro de um nome de vigorosa afirmação mental, coube-lhe, nesse período, a dignificante tarefa de publicar o **Esbôço Histórico da Província do Ceará**, a que seu Pai consagrara muito anos, deixando-a porém inédita.

Sendo acadêmico, aceitou a incumbência de redigir o capítulo — **A Flora e a Fauna** —, do livro «O Ceará em 1896», planejado pela Academia, mas não levado a cabo. Através da Revista da Academia, em cinco anos sucessivos, sob o título **Flora e Fauna Cearense**, inicia o estudo das nossas plantas, com um longo prólogo haurido em Freire Alemão, passando depois ao exame individual dos principais espécimes, não indo, devido à sua morte, além do vocábulo **Angelim**. Conheço de perto as dificuldades de um trabalho desta

«Era um velho sisudo. Sua palavra pesava como ouro de fino quilate.»

Senhores:

Gizada a personalidade de Henrique Théberge na vida pública, projetemo-la agora, mesmo com a rapidez de um instantâneo, no cenário retrospectivo desta Academia, recuando no tempo mais de meio século.

A Academia Cearense, fundada a 15 de agosto de 1894, objetivava, ao mesmo tempo, o exame das doutrinas ou questões literárias e científicas. Eclética em seus fins, a Academia pôde abrigar na hora de sua fundação as mais diversas tendências intelectuais. Nota-se, e até com certo espanto, que no meio dos fundadores não há um só romancista, contista e teatrólogo. Apenas dois poetas, Antônio Bezerra e Justiniano de Serpa, que nessa altura já haviam tomado outros rumos literários.

Henrique Théberge era antes de tudo um técnico preocupado com as aplicações da matemática e da física no complexo campo da engenharia. A sua formação técnica levou-o a participar do corpo inicial da Academia Cearense, ao lado dos engenheiros Franco Rabelo, Benedito Sidou e Antônio Teodorico da Costa, seus companheiros da Comissão de Ciências Matemáticas e Físicas, a primeira na ordem de seriação das oito comissões permanentes da Academia.

Antes da fundação da Academia, Henrique Théberge fez uma coleção de madeiras do Ceará, acompanhadas das respectivas classificações botânicas e de notas sobre as suas aplicações medicinais e industriais. Essa coleção mereceu medalha de **Mérito Específico**, conferida pelo Juri da Exposição de Chicago em 1893. A relação das madeiras e mais as notas são bastante interessantes para o estudo da flora e da agricultura locais.

Herdeiro de um nome de vigorosa afirmação mental, coube-lhe, nesse período, a dignificante tarefa de publicar o **Esbôço Histórico da Província do Ceará**, a que seu Pai consagrara muito anos, deixando-a porém inédita.

Sendo acadêmico, aceitou a incumbência de redigir o capítulo — **A Flora e a Fauna** —, do livro «O Ceará em 1896», planejado pela Academia, mas não levado a cabo. Através da Revista da Academia, em cinco anos sucessivos, sob o título **Flora e Fauna Cearense**, inicia o estudo das nossas plantas, com um longo prólogo haurido em Freire Alemão, passando depois ao exame individual dos principais espécimes, não indo, devido à sua morte, além do vocábulo **Angelim**. Conheço de perto as dificuldades de um trabalho desta

natureza e Théberge com a escassa bibliografia de que dispunha não podia tê-lo iniciado de melhor maneira.

Dêle também há um pequeno estudo — **De Fortaleza à cidade do Limoeiro** — vindo à luz na Revista da Academia (1889), com boas informações a respeito da economia baixo jaguaribana.

Pelo que se vê, pequena é a sua bagagem intelectual, mas ao contrário de muitas que pareciam opulentas, ainda pode ser consultada proveitosamente. Os seus trabalhos técnicos — projetos e memórias —, certamente numerosos dada a sua longa atuação profissional, ficaram circunscritos a limitadíssimos ambientes e talvez se perderam nos arquivos oficiais.

Culto para o meio, íntegro como poucos, coube a Henrique Théberge a glória de reunir-se ao pequeno grupo de construtores dos alicerces desta Instituição, e nós, seus sucessores, temos, nesta hora, a alegria de revivê-lo para nossos olhos, já que sempre viveu em nossa lembrança, apondo-lhe o retrato entre os ilustres companheiros de 1894.